

**O COTIDIANO DA ESCOLA ARGENTINA DURANTE A REFORMA
PEDAGÓGICA DE ANÍSIO TEIXEIRA NO ANTIGO DISTRITO FEDERAL
NA PRIMEIRA METADE DOS ANOS 30**

CHAVES, Miriam Waidenfeld – UERJ

GT: História da Educação / n.02

Agência Financiadora: Não contou com financiamento.

As reformas estaduais de ensino dos anos 20 e 30 nas últimas décadas têm sido objeto de pesquisa privilegiado para os pesquisadores em História da Educação, uma vez que esse tipo de reflexão aponta para uma melhor compreensão do que foi a implantação do ideário escolanovista no país.

Filiando-se a esta tradição, este texto tem como objetivo discutir de que maneira a reforma educacional elaborada por Anísio Teixeira para o antigo Distrito Federal na primeira metade dos anos 30 é vivenciada pela Escola Argentina¹ que, pelo fato de ser experimental², teria que fermentar novos métodos de ensino que posteriormente deveriam ser adotados pelas demais escolas da cidade; ou seja, interessa apreender o que ocorria na “caixa preta” da sala de aula da Escola Argentina para que assim se possa ter um panorama do modo como a reforma anisiana foi na prática absorvida por uma escola experimental.

Procurar-se-á mostrar não apenas que inovações foram introduzidas na escola, mas de que maneira se mesclaram com determinadas práticas já existentes, possibilitando a produção de um fazer educacional bastante singular. Caberá chamar a atenção tanto para os avanços educacionais que a reforma produziu na escola quanto para os seus próprios limites, uma vez que está se partindo do pressuposto que o seu ensino após a reforma se dava mais por meio da mistura das práticas já existentes com as novas propostas pedagógicas do que através de algo que pudesse implicar a escolha de uma em detrimento da outra.

Portanto, se se tem em mente que determinado fazer educacional não seria eliminado de uma hora para outra apenas em função de novas diretrizes, é porque se

¹ A Escola Argentina é fundada em 1924 por Carneiro Leão. Entretanto, só em 1929, na administração de Fernando de Azevedo, recebe instalações condignas, mudando-se para um prédio neo colonial no Engenho Novo. Durante a gestão de Anísio Teixeira torna-se experimental em 1932 e transfere-se em 1935 para um prédio moderno, em Vila Isabel.

² Existiam mais quatro escolas experimentais: Escola Bárbara Ottoni, Estados Unidos, Manuel Bonfim e México.

acredita que ele tem uma história e que qualquer inovação só poderá ser entendida como parte integrante desse mesmo processo de produção.

Com base nessas considerações, o texto será dividido em duas partes. A primeira delas mostrará como o Sistema *Platoon* é adotado e de que modo junto com a educação integral, inovam a estrutura administrativa pedagógica da escola. A segunda procurará chamar atenção para o que era ensinado segundo os novos padrões de aprendizagem e de que maneira tiveram que conviver com outras formas de aprender não tão modernas assim³.

1- O Sistema Platoon e a educação integral: a experiência de uma nova estrutura pedagógica e administrativa

A maior especificidade da Escola Argentina durante a gestão de Anísio Teixeira deve-se ao fato de ter adotado o Sistema *Platoon* e ter se tornado experimental em 1932, já que são estes dispositivos que permitem que a escola desenvolva uma educação de tipo integral.

O sistema de ensino americano será a fonte de inspiração para essas propostas: se ela se torna experimental no sentido de se transformar em um laboratório como a Escola de Dewey, inaugurada em 1896, em Chicago, para testar as próprias idéias educacionais do filósofo americano, a sua estruturação a partir do Sistema *Platoon* deve-se às experiências implementadas por William Wirt na cidade de Gary, no estado de Indiana, nos idos de 1912, que, desejando um melhor aproveitamento tanto do tempo quanto do espaço escolar, cria pelotões de alunos que não teriam salas fixas, mas circulariam entre elas a partir de um horário pré-estabelecido; ou seja, esse espírito pedagógico, ao adequar a filosofia deweyana a uma certa maneira de organizar a escola, procurava desenvolver uma educação integral que estimulasse tanto o estudo quanto o trabalho e a recreação (Bourne: 1970; Silveira: 1937).

Submetida a esse sistema, a Escola Argentina amplia seu currículo, fazendo com que a educação física, a música, a biblioteca e o auditório passem a ter um horário semanal fixo na grade curricular, dando início a partir daí a um conjunto de experimentações educacionais.

³ As informações sobre a escola contidas nos próximos itens foram obtidas nos exemplares da *Revista Escola Argentina*, encontrada na escola em uma visita durante pesquisa coordenada pela Prof. Yolanda Lima Lobo em 1986. Editada por alunos e professores, desde 1929 até 1935, seus artigos – cartas, resumos dos conteúdos escolares, editoriais, campanhas e seção de jogos pedagógicos, redação e poesia – expressam o que se passava na escola naqueles idos de 1930.

Procurando aumentar a correlação entre trabalho regular e atividades especiais através da incorporação dessas matérias no currículo, esse sistema permite que se inaugure uma outra concepção de ensino/aprendizagem na escola. Esta passa a ser definida como algo que deveria ocorrer em vários espaços escolares, se compondo de acordo com as inúmeras atividades que se estenderiam para além da sala de aula que, a começar desse momento, se desdobraria em: a) salas fundamentais, para o ensino da linguagem e da matemática; b) salas especiais, para as aulas de estudos sociais, geografia, ciências e desenho; c) biblioteca, para o desenvolvimento do gosto através do incentivo à leitura; d) auditório, para as aulas de música, de dramatização e até de reforço da matéria ensinada; e) ginásio, para as atividades físicas e festas.

Será no jornal de mar/abr. de 1932, com o artigo *O Sistema Platoon em nossa escola*, assinado por Humbertina Pereira, aluna da quinta série, que essa mudança será anunciada. Através de suas palavras é dito que *o ensino será mais agradável*, que as turmas se movimentariam para percorrer as salas especiais e que ainda a escola necessitaria fazer algumas alterações no que diz respeito ao horário e a arrumação das salas, que só se torna possível porque a escola desde 1929, em um prédio neo colonial, comportava esse tipo de mudança.

O rodízio das salas ainda irá permitir um melhor aproveitamento do tempo/espaço escolar. Enquanto um pelotão de alunos se encontrasse nas salas fundamentais, o outro estaria nas salas especiais, biblioteca, auditório ou ginásio tornando o ensino mais vivo e dinâmico e não mais previsível e estático, onde cada turma tinha apenas um professor e uma sala de aula. Pelo contrário, os alunos desde a primeira série, além de não terem mais uma sala fixa, teriam oito ou nove professoras, um ensino mais especializado e um tipo de aula que estimularia a sua participação.

O modo como os pelotões são estruturados, entretanto, pode ser analisado de maneira diferente, conforme o endereço da escola: enquanto na escola idealizada por Fernando de Azevedo são organizados dois pelotões em cada um de seus dois turnos - manhã e tarde -, na escola construída para abrigar o Sistema *Platoon* é adotado um pelotão em cada um de seus três turnos. Se no antigo endereço os pelotões se adaptam a uma arquitetura neo colonial que pressupunha a materialização de uma outra concepção administrativa pedagógica e, ainda, não há a alteração do horário escolar regular da manhã e da tarde, na nova escola, não só é possível colocar integralmente em prática as concepções do Sistema *Platoon* como também se tem a chance de experimentar um

terceiro turno – *um semi-internato* – que, com certeza, é o prenúncio do que mais tarde ficou conhecido como sendo a escola de tempo integral.

Através dessas alterações, a Escola Argentina estaria fermentando uma nova escola, cuja proposta administrativa e pedagógica se definiria a partir de dois níveis: a) qualitativo: procurava-se melhorar a qualidade do ensino por meio do incremento da grade curricular – acrescentando matérias que antes não tinham um horário fixo - e do próprio tempo escolar diário – aumentando o horário das aulas nas salas fundamentais e especiais e criando o *regime de semi-internato* – b) quantitativo: através dos pelotões aumentava-se o número de matrículas, ocorrendo no novo endereço a abertura de uma de média de 2.000 vagas.

Através da edição da *Revista Escola Argentina* de março/abril de 1932 se pode ter uma idéia do significado da adoção dos pelotões pela escola ainda no Engenho Novo. O horário da manhã era de 7:30 às 12:00 e o da tarde de 12:20 às 16:50, perfazendo quatro horas e meia diárias de tempo escolar. Dez minutos para a entrada e saída, vinte para o recreio, seguido de mais dez minutos para higiene dentária e, finalmente, três horas e quarenta minutos para aulas, que se organizavam da seguinte maneira: enquanto um pelotão de cada turno deveria estar nas salas fundamentais até a hora do recreio, o outro estaria nas salas especiais, ocorrendo o inverso após o recreio; o que fazia com que a entrada e saída das salas especiais devessem se dar com organização, silêncio e rapidez.

Em Vila Isabel, em uma construção planejada para a adoção do Sistema **Platoon**, o rodízio se estruturava da seguinte forma: enquanto o primeiro pelotão entrava às 7:30 e saía às 13:00, o segundo começava o dia escolar às 11:00 e terminava às 16:30 e o terceiro, em *regime de semi-internato*, tinha um horário que ia de 7:30 às 16:30, sendo que de 11:00 às 12:30 algumas crianças teriam que ir para casa almoçar e voltar para a escola. (AT.t.36.00.00/CPDOC)

Dentro dessa nova estrutura tanto o auditório quanto a biblioteca passam a ter um papel fundamental.

Em um artigo da revista de nov/dez de 1932, da seção “Colaboração de Pais e Mestres”, é dito que o auditório, *ao preencher uma lacuna da escola*, deveria ser visto como um espaço que o unificaria. Seria *o ponto de reunião de todas as matérias e se o aluno aprende geografia, história e aritmética com professores especiais e fundamentais, no Auditório aprende a se utilizar desse conhecimento na vida prática (social)*. É nele que se *encontraria a força educacional de toda a escola*, que,

preocupada em estimular um ensino mais ativo, também o define como um lugar que teria que ser agradável e sem qualquer tipo de ação tirânica sobre a criança, uma vez que

não deve apresentar a atmosfera nem o arranjo de uma sala de aula. Deve ter um espírito geral de liberdade e cordialidade; sem a rigidez de uma reunião ou assembléia pública, porém delas se aproximando às vezes.

A disciplina é completamente diferente da das outras salas. Os alunos reúnem-se em grupos homogêneos, discutem assuntos sociais, escrevem peças, trabalham. O Auditorium ensina-lhes a portarem-se e agir; a serem leais e patriotas, sinceros, socialmente eficientes, honestos. Um aluno do *Auditorium* **não mente**...Ali o professor não manda; *coopera*. [itálico e negrito do próprio texto]

Quanto à biblioteca, permitiria que as crianças entrassem em contato com a literatura, que além de ensinar também desenvolveria certos padrões de gosto, com o objetivo de aproximar os alunos da arte e de tudo que elevasse o espírito humano. Em mais um artigo da revista, pode-se ler que nela *há sempre uma classe exercitando-se no manuseio de livros, estampas, ilustrações, folhetos, ensaios, crônicas etc...*No mesmo texto, assinado pela professora Flora Nobre, para a edição de nov/dez de 1932, fica claro quais são os objetivos da biblioteca:

Singulariza este aprendizado a ausência ou inexpressão do vocábulo tarefa, o que aumentando a seiva do interesse, e vitalizando-a sobremodo, assegura o conhecimento das diferenças individuais - linha eixo, linha equilíbrio, em torno da qual deve sempre gravitar a atenção da educadora em observância aos postulados da psico-pedagogia.

Em verdade, a biblioteca representa um doce intermezzo às atividades das outras salas, com ser o ambiente sempre renovado e fecundo, em que a criança se precipita e ensaia a compreensão tácita da vida social, onde futuramente pontificará como perfeita vitoriosa. [grifo da autora]

Pode-se, então, afirmar que essas duas “matérias” permitem não apenas que o ensino da escola seja enriquecido, mas também que seja introduzida uma outra forma de ensinar e aprender, já que nesses espaços deveria prevalecer um clima de camaradagem e cooperação entre os alunos e entre estes e os próprios professores.

Essas salas especiais, em detrimento da compreensão de suas atividades enquanto uma “tarefa”, teriam, conseqüentemente, a função de ensinar – quando reforçam a matéria das outras aulas – e de educar – quando as atividades se preocupam em enfatizar determinados valores e gostos. Procurariam colaborar para a concretização de uma educação integral que pretendia oferecer muito mais do que poucos conhecimentos de gramática, leitura e as quatro operações.

Entretanto, se dos artigos da revista depreende-se a idéia de que nessas salas *a disciplina é completamente diferente das outras salas* e que não deveriam apresentar *a atmosfera nem o arranjo de uma sala de aula*, qual seria o clima pedagógico das outras salas? Será que essas afirmações queriam dizer que o ensino das outras matérias ainda se fazia nos velhos moldes, ou melhor, no de uma aprendizagem que se dava através do silêncio e da obediência ao que o professor dizia?

Se só no próximo item essas questões serão respondidas, já é possível afirmar que é por meio do auditório e da biblioteca que se desenvolve a idéia de que a aula deveria ocorrer para além das paredes da “velha” sala de aula.

Essa outra forma de entender a escola que incentiva um ensino ativo, a formação do gosto e a produção de certos valores, no entanto, só se completaria por meio das inúmeras Instituições Escolares (Clube Literário, Clube da Saúde, Clube Pan-Americano, Caixa Escolar, Cooperativa de Consumo, Revista Escola Argentina, Cooperativa Agrícola) que a escola trata de promover no seu interior.

Essas organizações teriam uma função educativa e social importante, posto que, enquanto parte do projeto de educação integral da escola, procurariam, cada uma dentro de seu campo de atuação, não só complementar o trabalho de sala de aula - mostrando a importância da poesia, da cidadania, da higiene, do cálculo e da alimentação saudável -, mas também desenvolver os bons hábitos de saúde, de cultura e de solidariedade, contribuindo assim para um melhor intercâmbio entre as atividades regulares e especiais da escola.

Para que tal empreendimento tivesse sucesso, essas organizações estariam sob a responsabilidade dos alunos – mas sob a supervisão de uma professora - que periodicamente seriam eleitos por eles mesmos para os cargos de direção dessas instituições – presidente, secretário tesoureiro, redator chefe, por exemplo – que, tal qual as organizações da sociedade, teriam que convocar reuniões, presidir solenidades e prestar contas à escola de suas atividades.

Através de artigo da revista já citado sobre o auditório é dito que

os clubes são de grande valor educativo: social, moral, intelectual e físico. Unificam as idéias da classe e despertam a vontade de saber para poder falar.

... o clube desperta o interesse pelo estudo; estimula e facilita a expressão; vence a timidez; forma hábitos e atitudes corretas; ensina a assumir a responsabilidade; socializa a escola; ensina a trabalhar em cooperação .

Através desse artigo confirma-se a hipótese de que a educação integral proposta buscava o desenvolvimento de hábitos intelectuais, sociais, culturais e físicos por meio da participação do aluno nas mais variadas atividades que deveriam relacionar-se entre si através das salas fundamentais, especiais, da biblioteca e do auditório, possibilitando, inclusive, a constituição de um ensino mais integrado e abrangente.

Nesse caso, a educação integral não se definiria apenas pela ampliação da função da escola, uma vez que procura ensinar mais do que simples noções de leitura e gramática, mas também implicaria a ressignificação do próprio sentido da aprendizagem: as atividades de cunho social e cultural passam a ser compreendidas como pedagógicas e a “velha” sala de aula deixaria de ser considerada o único lugar adequado para a aprendizagem; ou melhor, os demais espaços escolares passam a ser vistos como aptos para desenvolver as habilidades intelectuais e a sala de aula também começa a ser entendida como um lugar mais lúdico e descontraído.

Portanto, a reutilização da biblioteca, o incentivo do trabalho com as Instituições Escolares e a introdução do auditório na grade escolar redefinem o sentido da escola que não mais se baseia na idéia de que o ensino ocorre apenas no momento da aula – professor explicando e aluno escutando –, mas de que acontece nos mais variados espaços, transformando a escola em um local “de trabalho”, de atividades ou, ainda, de esforço para se alcançar um fim determinado. De um local onde se ministrava instrução a escola passa a ser uma instituição integrada à própria vida.

Nada mais significativo do que o discurso de uma ex sub diretora da escola, Dulce Viana, que, em visita à escola, exalta as qualidades do Sistema **Platoon** e da Escola Argentina e que a *Revista Escola Argentina* publica em sua edição de nov/dez. de 1933:

...cabe-me felicitar alunos e professores da Escola Argentina, por serem os pioneiros do novo sistema no Distrito Federal, esperando fazer o mesmo todo o magistério primário em nui breve espaço de tempo, quando, instaladas em prédios próprios e bem aparelhadas, possam todas as escolas adotar o Sistema *Platoon*.

Graças à implantação de tão eficiente sistema de ensino, com o qual as crianças aprendem brincando, divertindo-se, em ambiente próprio, pois que há salas especiais para tudo, numa atividade ordenada, disciplinada, espontânea, pode a gurizada da Escola Argentina manifestar sua alegria ao rever a antiga sub diretora, prestando-me, espontaneamente, homenagens que jamais olvidarei.

Entretanto, se por meio da *Revista Escola Argentina* não se pode verificar possíveis críticas ao Sistema *Platoon* e a educação integral que dele emana, já que optou por expor em suas reportagens apenas os seus benefícios, uma série de artigos

denominados *Percorrendo as escolas do Distrito Federal*, da coluna *Página de Educação*, do Diário de Notícias, mostra como vários professores de outras escolas os criticavam justamente por gerar o que pretendia extinguir: a falta de integração e o isolamento das matérias.

Assim, em uma entrevista em 9 de novembro de 1932, algumas professoras fazem os seguintes comentários:

- Que lhe parece o ensino especializado?

Há um momento de hesitação, antes da resposta. Depois as três professoras que conversam conosco vão esclarecendo os seus pontos de vista.

- As classes vão se tornando mais instrutivas e menos educativas – diz uma.

E esclarece:

- A professora que se especializa em determinada matéria passa a tratá-la isoladamente, desarticulando-a do programa. Se é uma boa professora, desenvolve-a, atrai os alunos, oferece-lhes uma grande porção de conhecimento...freqüentemente se verificam contradições, desacordos de ponto de vista, desarmonias.... E a educação fica prejudicada.

- Não há unidade, uma centralização.

-Justamente. Cada uma dá a sua aula, e acabou-se: deu a sua aula. Enquanto a professora que ministra todas as disciplinas sabe controlá-las, avançando numa detendo-se noutra, e equilibrando-as todas de acordo com o sentido dominante, que é o seu critério educativo.

- Podemos, então, escrever que desaprovam a especialização?

- Não, responde-nos uma das três professoras. [grifos do jornal]

Portanto, nota-se que, o Sistema *Platoon* não foi uma unanimidade entre os professores, podendo até ter sido rejeitado por muitos, já que procurava transformar radicalmente o modo como as escolas deveriam ser concebidas. Conseqüentemente, não deve ser visto como uma alternativa que poderia solucionar todos os problemas da educação brasileira. E ao contrário do que o jornal da Escola Argentina deixa transparecer, como qualquer outra proposta inovadora, teria suas vantagens e desvantagens, gente que apoiava e criticava.

2-O ensino: experimentação de novos métodos ou repetição de velhas práticas?

Este item mostrará o modo como os novos métodos eram desenvolvidos na escola e, principalmente, como algumas atividades de sala de aula, que exigiam do aluno uma postura mais ativa frente ao conhecimento, conviviam com outras que ainda dependiam da memorização e do automatismo livresco.

Um dos fundamentos para se pensar o método ativo implantado na escola encontrava-se na Psicologia Experimental que ressaltava a importância da figura da criança nas relações de aprendizagem.

De acordo com seus pressupostos o aluno não deveria aprender simplesmente ouvindo o que o professor teria para dizer, mas, vendo e agindo sobre as situações escolares a fim de que assim pudesse se sentir co-autor do processo de aprendizagem (Vidal: 2000); ou seja, a criança só aprenderia caso observasse e experimentasse o mundo escolar – a vida – que se encontrava a sua volta. Precisaria interagir com o conhecimento/meio através de inúmeras atividades pedagógicas para que construísse um pensamento lógico, disciplinado e argumentativo.

A poesia escrita pela aluna Maria de Lourdes Bruce, da primeira série, publicada na edição de março/abril de 1933, revela bastante bem esse novo espírito da escola:

A ESCOLA

A escola é uma oficina.

O livro, o papel, a caneta, a pena, a tinta, são os nossos instrumentos de trabalho.

Nós somos os pequeninos operários que havemos de trabalhar pelo Brasil.

Tudo indica que os novos métodos, procurando ir contra o ensino verbalista e livresco, fariam com que as aulas se caracterizassem por um dinamismo que levaria a criança a se movimentar tanto física – excursões, jogos e atividades físicas – quanto intelectualmente. Partia-se do princípio que mesmo em silêncio e sentada em sua carteira escolar, a criança poderia estar “ativamente” envolvida com a aprendizagem (Vidal: 1995, p.170).

Enfim, o que se almejava era que a criança se sentisse física e intelectualmente estimulada a aprender, que seu pensamento fosse ativado para que pudesse manter uma relação criativa com o conhecimento.

3.1-O ensino de linguagem⁴

Se nessa época já se privilegiava a leitura silenciosa porque era mais rápida e fazia com que o leitor se concentrasse mais no sentido do que lia, não permitindo que os ouvintes, muitas vezes, fossem obrigados a acompanhar uma leitura trôpega e arrastada, a Escola Argentina valorizava a leitura em voz alta. Exemplo disso é o artigo publicado na edição de nov/dez de 1933, da *Revista Escola Argentina* que anuncia os ganhadores de um *concurso de leitura*, realizado no auditório pelos alunos da quinta série do primeiro turno.

⁴ A análise de cada disciplina depende do volume de material de cada uma delas editada no jornal da escola. Assim, não há qualquer comentário a respeito da matemática porque o que se tem em forma de artigos é muito pouco.

Desse modo, se a escola através da biblioteca incentivava a leitura silenciosa a fim de que a criança enriquecesse o seu mundo interior e agilizasse o seu pensamento, igualmente valorizava a leitura em voz alta, já que ler em público ainda era bastante prestigiado pelos saraus, festas e aniversários da época. Era como se a pessoa que dominasse essa habilidade tivesse o dom de emocionar, comover, enfim, tocar a alma de quem a ouvia; e isto era tido como uma distinção bastante grande que deveria ser ensinado pela escola.

De outro lado, cabe ressaltar o trabalho que se fazia para que as crianças desenvolvessem o seu próprio texto. Eram estimuladas a escrever desde simples resumos de histórias até redações, cartas e poesias, que são constantemente publicadas na revista. Exemplar é a publicação em jul/ag. de 1933, da redação intitulada *O prazer da leitura*, de Neuza Coelho da Silva, da quinta série, da qual reproduzo alguns trechos:

Nossa professora nos diz sempre que a leitura é a fonte de todo o saber.
Eu gosto muito de ler. Acho mesmo que o livro é um grande amigo.
Lendo a pessoa não só se instrui como também aprende a manejar o idioma pátrio tão rico e tão belo!
Eu gosto muito de ir à biblioteca da escola ler os lindos livros que lá existem...

Este incentivo à leitura/escrita inicia-se já nas primeiras séries, uma vez que os seus alunos também têm seu espaço garantido nas páginas do jornal. Por exemplo, Vilma Rodrigues, da primeira série, escreve a poesia intitulada “Meu livro”:

Meu livro é bonito.
Ganhei porque sei ler. Gosto muito de ler meu livro.
Você também ganhou um livro?
Como é bom saber ler!

Essa poesia também é indício de que a escola havia mudado a maneira de lidar com a alfabetização. A criança apenas teria o seu primeiro livro depois de já ter aprendido a ler, fazendo com que fosse alfabetizada não mais pela cartilha, mas através dos próprios textos tanto do professor quanto do aluno, que, desse momento em diante, passam a ter mais poder de decisão sobre esse importante momento da aprendizagem da língua pátria.

A “Festa do Livro”, conseqüentemente, torna-se um acontecimento na escola. Por meio de uma solenidade de entrega do livro às crianças que acabavam de ser alfabetizadas, a escola ritualiza esse momento da aprendizagem e trata de fixar na

memória de seus alunos tanto a sua importância intelectual quanto o seu valor cultural. Valor esse que é demonstrado pela publicação no número de jul/ag. de 1932 de um ditado realizado na aula de linguagem da terceira série que assim se refere ao livro:

Em tempos remotos, sentia-te pesar na minha mala: - eras um fardo, um pesadelo. Mas hoje, que de ti me vem felicidade, o saber e o poder carregar suavemente a minha cruz, amo-te e abençôo-te! És um benfeitor!
Desgraçados os que não te amam e não sabem apreciar o mel que se destila do teu seio, rico de sublimidades e encantos!

Outro recurso utilizado pela sala de linguagem que incentiva a participação dos alunos é a feitura de um dicionário pela própria turma. Nesse caso, se se estimulava a criança a procurar o significado das palavras desconhecidas, também fazia com que circulasse pela sala de aula com mais liberdade, já que o dicionário confeccionado ficava sobre a mesa da professora, pronto para ser utilizado.

De outro lado, é importante ressaltar a presença de vários exercícios gramaticais publicados na revista, justamente desfazendo a idéia de que a escola, por adotar os métodos ativos, não priorizava o conteúdo. Indica o quanto ele era importante e como a gramática recheava as questões dos concursos, das charadas e das brincadeiras propostas pela revista.

3.2-O ensino de história e geografia

O ensino da história e da geografia mostra como era difícil desligar-se dos velhos manuais. Nota-se que a história ensinada é a história dos heróis brasileiros e argentinos. Tiradentes, Caxias, Princesa Isabel, D. Pedro I, Deodoro da Fonseca e, ainda, San Martin, Saens Peña e Bolivar são os personagens que ilustram as histórias que os professores contam para seus alunos.

Quase não há comentário sobre os primeiros habitantes do continente americano e a luta pela libertação do jugo tanto português quanto espanhol é narrada de forma exultante como que querendo transformar seus personagens em “salvadores da pátria” que deveriam guiar os passos de seus “pequenos” seguidores.

Tudo indica que as aulas nessas salas, por se ligarem à biblioteca e ao auditório, tinham o objetivo de através de redações, pesquisas e dramatizações, edificar um determinado modelo de cidadão que, inspirado nos heróis nacionais, teria que ser assimilado por todos os alunos.

Como exemplo desse tipo de ensino de história, tem-se a redação de Alda Alvarenga, da quinta série, publicada na edição de set/dez d de 1934:

A INDEPENDÊNCIA

D Pedro I, bravo, forte, Ele era português mas se fez brasileiro de todo o coração e não só efetuou a Independência de nosso idolatrado Brasil como também cooperou para a felicidade de seus filhos. Assim devemos a grandes vultos de Portugal a descoberta de nossa terra; a um de seus filhos a liberdade que nos colocou na fileira das nações independentes.

Outro exemplo marcante de que o amor à pátria era um valor importante a ser ensinado é a poesia de Adélia Neves, da quinta série, publicada no exemplar de mar/abr. de 1933:

Eu amo meu país

Ele é tão belo!

São seus campos sempre verdes e floridos

E seu céu sempre azul, sempre singelo

As montanhas de meu país são verdejantes

A bandeira de minha pátria - alterosa

Suas cores são: verde, amarelo, azul e branco

Tudo é lindo no meu Brasil!

Nenhum o imita.

Quando eu digo a alguém que sou brasileira

De orgulho o meu coração palpita.

No entanto, se a aula de história e geografia pauta-se pela exaltação de determinados valores sociais que enfatizam a coragem de certos personagens históricos e a exuberância da terra tanto brasileira quanto argentina, isto não é tudo. Ela igualmente se preocupa em transmitir uma quantidade enorme de conteúdos. É como se acreditasse que a qualidade da escola devesse se pautar pela quantidade de conteúdo ensinado pelo professor; postura, de certo modo, já criticada pelos educadores modernos da época.

Exemplo dessa prática pode ser comprovada através da revista que, a partir de março de 1933, começa a publicar o programa que era dado nas salas de aula. Páginas e mais páginas são gastas para transcrever o conteúdo dessas matérias e o de ciências e desenho. E o que prevalece nesses textos são as definições, as datas, os feitos dos heróis, a especificação dos aspectos econômicos, políticos e religiosos das sociedades e as características físicas das regiões.

São textos que se definem por um tipo de ensino intelectualista e uma aprendizagem que ainda se baseia na memória. O trecho abaixo, dirigido para o terceiro ano, comprova a afirmação acima:

VINDA DE D. JOÃO VI AO BRASIL:

.1808 – Napoleão Bonaparte imperador dos franceses mandou invadir Portugal. Por esse motivo, D. João VI, regente dessa terra, viu-se obrigado a fugir para o Brasil, com toda a família real.

A *transmigração* da família real, trouxe muitos *benefícios* para o Brasil. D. João, fundou: a escola de Bellas Artes, Escola de Medicina, Biblioteca Nacional, declarou livres todas as indústrias e a *abertura de todos os portos brasileiros às nações amigas*. Inaugurou o Jardim Botânico (onde há a *palmeira real* plantada por D. João) etc..

.1815 – Os progressos realizados foram tantos e tão rápidos que o Brasil passou da colônia à categoria de reino. [itálico do próprio texto]

Conclui-se a partir desses exemplos que a escola, apesar de propor um ensino de história mais ativo por meio de passeios históricos pela cidade e dramatizações de certos fatos importantes de nossa história, também acreditava na eficiência da memorização, que não deveria ser eliminada por completo do cotidiano da escola.

3.3-O ensino de ciências e desenho

As aulas de ciências também seguem esse misto de modernidade e tradicionalismo. Procuram aliar brincadeiras – concursos e adivinhações – às atividades variadas dos Clubes – de Saúde, de União Agrícola – aos exercícios de interpretação e de memorização.

Nestas aulas, junto ao ensino da ótica, da acústica, dos metais, das partes do vegetal, dos animais e do esqueleto do homem, por exemplo, tem-se a criação, em setembro de 1933, da União Agrícola Infantil.

Obedecendo a uma circular do Departamento de Educação que propunha a criação de Clubes da Natureza nas escolas, essa iniciativa serviria para desenvolver tanto o sentimento de preservação da natureza quanto algumas aulas práticas, já que a escola de acordo com essa agremiação, passaria a ter uma horta e um jardim coordenados pelos próprios alunos.

Entretanto, o que o jornal gosta de publicar são as velhas redações a respeito do “dia da árvore” e as lições sobre o conteúdo da matéria recheada de detalhes.

O texto publicado na edição de mai/jun de 1933 a respeito do que era ensinado na quinta série comprova a afirmação acima:

ÓTICA:

Ótica é a parte da física que estuda a luz.... À ausência de luz, chamamos de trevas. Os corpos que têm luz própria chamam-se luminosos; os que recebem luz de outro, são iluminados. Também podem os corpos ser chamados de: transparentes, quando se deixam atravessar pela luz e através dos quais vemos os objetos; translúcidos, aqueles que apenas se deixam atravessar pela luz, sem contudo, deixarem ver, através deles, os objetos; e opacos os que não se deixam atravessar pela luz.

Sombra é o espaço onde a luz não chega impedida por um corpo opaco.

Pelas lições de desenho publicadas, pode-se dizer que seguiam a mesma lógica detalhista da apresentação dos conteúdos e, muitas vezes, complexa para crianças de nove, dez, onze ou doze anos. Exigia-se que os alunos desenvolvessem habilidade técnica e senso estético através da aprendizagem do desenho tanto geométrico quanto decorativo. E muitas vezes, se aprendia a desenhar a partir das coisas que dizem respeito a nossa terra, assim como *o café* que é o tema do bimestre de setembro e outubro de 1933:

Primeiro ano: Os alunos do primeiro ano desenharam uma vasilha do serviço doméstico, acompanhada de uma frase correspondente ao objeto.

Segundo ano: O mesmo motivo do primeiro ano. O café: evolução do grão. Frisos com grãos do café.

Terceiro ano: Frisos e barras com os grãos do café, como motivo. Folhas e ramos de café.

Quarto ano: Desenhos utilizados, tendo como motivo, o café. Os desenhos deverão ser acompanhados de uma frase referindo-se ao valor econômico do produto.

Quinto ano: Desenhos dos principais produtos em continuação. O algodão e o cacau. Os melhores trabalhos irão constituir um álbum já em preparação.

Em outras edições do jornal, a sofisticação das exigências aparece no que vai ser ensinado na quinta série, em julho e agosto do mesmo ano:

Desenho de marcação para representação de um objeto simétrico. Perspectiva prática, demonstrando as modificações que sofre a representação de um objeto em desenho, segundo a distância ou posição. Desenho decorativo, com motivos da flora brasileira.

Desfazendo a idéia de que as inovações metodológicas pressupunham um abandono do conteúdo, os textos acima, mostram o oposto. Ressaltam que a experimentação de novas formas de ensinar não eliminou um tipo de ensino conteudístico e intelectualista que se baseia justamente no que se queria eliminar: a repetição e a memorização.

Considerações finais

Quando Anísio Teixeira escreve em *Educação para a democracia* (1997), livro síntese de seu relatório geral sobre a sua administração no Departamento de Educação

do antigo Distrito Federal na primeira metade dos anos 30, que é necessário que haja escolas para todos e que todos indispensavelmente devem aprender (p. 166), está através da Escola Argentina procurando colocar em prática essas idéias, já que a adoção do Sistema *Platoon* tenta resolver a questão tanto quantitativa quanto qualitativa da educação: os pelotões incrementam o número de vagas e a educação integral advinda dessa estrutura, ao ampliar a grade escolar, propõe um ensino que seja mais do que simples noções de ler, escrever e contar.

Conseqüentemente, a despeito das críticas, o Sistema *Platoon* e a educação integral mais que inovar revolucionam a estrutura organizativa e pedagógica da escola. Apontam para a fabricação de uma nova escola que tem como principal objetivo experimentar novas maneiras de ensinar, formando o aluno intelectual, cultural e fisicamente por meio de sua inserção em inúmeras atividades pedagógicas, que aumentam conforme o próprio espaço escolar se amplia.

Entretanto, se a escola através desse sistema rompe com a estrutura administrativa e pedagógica anterior e experimenta novos métodos de ensino, opta por não abandonar algumas práticas que a própria tradição tratou de consagrar, preferindo mesclar as inovações metodológicas com certos procedimentos que acreditava tinham a sua eficiência.

A escola, nesse caso, ao mesmo tempo, que se tornava mais alegre, viva e estimulante, também se fixava como o *templo do saber*, de acordo com as palavras do próprio jornal; ou seja, se ela procurava experimentar outras formas de ensinar, igualmente permanecia sendo a guardiã do conhecimento produzido pela humanidade, cabendo a ela preservar e repassar para as gerações mais jovens esse patrimônio.

Portanto, o experimentalismo da Escola Argentina não ocasionou o fim do ensino que nela já existia e, desse modo, enquanto uma instituição social, ao mesmo tempo, que produz novas possibilidades de aprendizagem também reproduz certas posturas que justamente a definem como um lugar que tem a função de armazenar o conhecimento humano acumulado e que é seu dever transmitir.

Referências

Arquivo da Escola Argentina

Revista Escola Argentina

Diário de Notícias - Coluna Página de Educação (Biblioteca Nacional)

“Percorrendo as escolas do Distrito Federal” – 9 de novembro de 1932

Arquivo de Anísio Teixeira (CPDOC)

Situação das três escolas experimentais Platoon – AT. t. 36.00.00

Livros, artigos e teses

BOURNE, Randolph. The Gary schools. Massachusetts: The Mit Press, 1970.

SILVEIRA, Juracy da. O Sistema **Platoon** e a experiência da Escola México. 1935-1937. Separata de: Revista Infância e Juventude, 1937.

VIDAL, Diana Gonçalves. O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937). 1995. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 1995.

_____. Escola nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta; MENDES, Luciano; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.) 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.497 –517.

TEIXEIRA, Anísio. Educação para a democracia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.